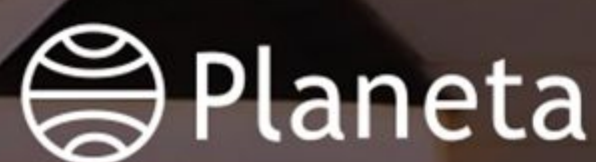


A OUTRA MARY KUBICA

DA MESMA AUTORA DO BEST-SELLER

A GAROTA PERFEITA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

A OUTRA MARY KUBICA

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Mary Kyrychenko, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Other Mrs.*

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma. Este livro foi publicado em acordo com Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou lugares é mera coincidência.

Preparação: Elisa Martins
Revisão: Laura Folgueira e Tamiris Sene
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Fernanda Mello
Imagem de capa: EricVega/iStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kubica, Mary
A outra / Mary Kubica; tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2022.
336 p.

ISBN 978-85-422-2028-5
Título original: *The Other Mrs.*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

22-6692

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora-planeta.com.br

TRÊS DIAS ANTES DO LANÇAMENTO. VENDA PROIBIDA

SADIE

Há algo errado com a casa. Algo que me incomoda, que me deixa desconfortável, mas eu não sei o que é que faz com que eu me sinta desse jeito. Por fora, é perfeitamente idílica, cinza, com uma grande varanda coberta que percorre toda a largura da casa. É quadrada, grande, uma casa estilo Foursquare americano, com janelas alinhadas em fileiras, simétrica de um jeito que eu acho agradável. A rua em si é encantadora, íngreme e coberta de árvores, e cada casa nela é adorável e bem cuidada.

Superficialmente, não há nada para não se gostar. Mas eu sei que não devo julgar as coisas pela aparência. Também não ajuda o fato de o dia ser, como a casa, cinza. Se houvesse sol, talvez a sensação fosse outra.

— Aquela — digo a Will, apontando para ela porque é idêntica à da foto que o executor da propriedade lhe entregou.

Ele veio na semana passada para Portland para cuidar da documentação. Daí voltou, para que viéssemos de carro para cá, juntos. Ele não teve tempo de ver a casa antes. Will para, deixando o carro descansar na rua. Ele e eu nos inclinamos para a frente exatamente ao mesmo tempo, bem como os meninos no banco de trás. A princípio, ninguém fala; até que Tate solta que a casa é *gigantesca* — alternando seus Gs suaves e duros como tendem a fazer as crianças de sete anos —, e Will ri, feliz por alguém além dele ver a vantagem de nossa mudança para o Maine.

A casa não é gigantesca de verdade, mas, em comparação com um apartamento de cento e dez metros quadrados, é; especialmente por ter um quintal privado. Tate nunca teve um quintal privado antes.

Will pisa suavemente no acelerador, levando o carro para a entrada da garagem. Pondo o câmbio automático no *park*, saímos — uns mais

depressa que outros, mas as cachorras são as mais rápidas – e esticamos as pernas, gratos, se não por mais nada, pelo menos pelo término da longa viagem. O ar é diferente daquele a que estou acostumada, impregnado do cheiro de terra úmida, oceano salgado e terreno arborizado. Não tem cheiro de lar. A rua é tranquila, de um jeito que não me agrada. Um silêncio assustador, inquietante e que, ao mesmo tempo, me faz recordar do conceito que diz que há segurança na quantidade. Que é menos provável que coisas ruins aconteçam entre as multidões. Existe um equívoco que diz que a vida rural é melhor, mais segura que a urbana, mas isso simplesmente não é verdade. Não quando se leva em conta o número desproporcional de pessoas que vivem nas cidades e o inadequado sistema de saúde nas áreas rurais.

Vejo Will se dirigindo aos degraus da varanda, com as cachorras correndo ao seu lado, ultrapassando-o. Ele não está relutante como eu. Anda todo pomposo, ansioso para entrar e ver tudo. Fico ressentida com isso, porque eu não queria vir.

Na base da escada, ele hesita, só então percebendo que não estou indo junto. Ele se volta para mim, para o lado do carro, e pergunta:

— Está tudo bem?

Não respondo porque não sei se está tudo bem.

Tate corre atrás de Will, mas Otto, de catorze anos, está parado como eu, também relutante. Sempre fomos muito parecidos.

— Sadie — diz Will, mudando a pergunta. — Você vem?

Ele me diz que está frio, o que não percebo por causa de meu foco em outras coisas, como o fato de as árvores ao redor da casa serem tão altas a ponto de bloquear a luz. E como deve ser perigosamente escorregadia a rua íngreme quando neva. Há um homem parado no alto da colina, em seu gramado, com um ancinho na mão. Ele parou de trabalhar e está ali empoleirado, olhando para mim, eu acho. Levanto a mão e aceno, é o que os vizinhos fazem. Ele não acena de volta; vira-se e começa a capinar de novo. Meu olhar volta para Will, que não diz nada sobre o homem. Certamente, ele o viu tão bem quanto eu.

— Vamos lá — diz Will. Ele se vira e sobe os degraus, com Tate ao seu lado. — Vamos entrar — decide.

Diante da porta, Will enfia a mão no bolso e pega as chaves da casa. Ele bate primeiro, mas não espera para entrar. Enquanto Will destranca a porta e a abre, Otto se afasta de mim, deixando-me para trás. Vou também, mas só porque não quero ficar sozinha do lado de fora.

Dentro, descobrimos que a casa é antiga, com coisas tipo painéis de mogno, cortinas pesadas, tetos de estanho, paredes marrons e verdes. Cheira a mofo. É escura, melancólica.

Ficamos amontoados na entrada e avaliamos o lugar, uma casa tradicional com os cômodos um ao lado do outro. A mobília é formal e nada acolhedora.

Minha atenção se perde nas pernas curvas da mesa da sala de jantar. No lustre manchado que fica acima dela. Nas almofadas amareladas das cadeiras. Mal a vejo parada no topo da escada. Se não fosse pelo mínimo movimento captado por minha visão periférica, eu nunca a teria visto. Mas ali está ela, uma figura sombria vestida de preto. Jeans preto, blusa preta, pés descalços. Cabelo preto, comprido, com uma franja de lado. Em seus olhos, uma faixa grossa de delineador preto. Tudo preto, menos as letras brancas em sua blusa, onde se lê: *Quero morrer*. Ela tem um furo no septo nasal. Sua pele, em contraste com todo o resto, é branca, pálida, como um fantasma. Ela é magra.

Tate a vê também. Então, ele se afasta de Will e vem em minha direção, escondendo-se atrás de mim e enterrando o rosto em minhas costas. Tate não é de ter medo. Eu não sou de ter medo, mas, mesmo assim, sinto os pelos de minha nuca se arrepiarem.

— Olá — digo com voz fraca.

Will a vê, então. Fita-a e diz o nome dela. Vai subindo os degraus, que rangem sob seus pés, protestando contra nossa chegada.

— Imogen — diz ele, com os braços abertos, esperando, acho, que ela se encaixe neles e se deixe abraçar.

Mas ela não faz isso, porque tem dezesseis anos e, diante dela, está um homem que mal conhece. Não posso culpá-la por isso. No entanto, a menina melancólica e taciturna não é o que eu imaginei quando descobrimos que havíamos herdado a tutela de uma criança.

Ela fala com voz ácida, baixa. Nunca levanta a voz. Não precisa; seu tom apagado é muito mais perturbador assim do que se ela gritasse.

— Fique longe de mim — diz ela com frieza.

Ela olha para baixo, para o corrimão da escada. Minhas mãos involuntariamente voam para trás e cobrem os ouvidos de Tate. Will para onde está. Abaixa os braços. Ele já a viu semana passada, quando veio se encontrar com o executor da propriedade. Foi quando ele assinou os documentos e tornou-se o tutor legal dela, apesar de terem sido feitos arranjos para ela ficar com um amigo enquanto Will, os meninos e eu vínhamos para cá.

A garota pergunta com raiva na voz:

— Por que você tinha que vir?

Will tenta lhe explicar. A resposta é fácil, pois, se não fosse por nós, ela provavelmente entraria no sistema de lares adotivos até os dezoito anos, a menos que recebesse a emancipação, o que parecia improvável na idade dela. Mas ela não quer uma resposta. Ela se afasta dele, desaparecendo em um dos quartos do andar de cima, onde a ouvimos mexer com as coisas, brava. Will ameaça segui-la, mas eu digo:

— Dê um tempo a ela.

E ele a deixa.

Essa garota não é a mesma menininha que Will nos mostrou na fotografia – uma morena sardenta, feliz e despreocupada de seis anos de idade. Essa garota é diferente, mudou muito. Os anos não foram gentis com ela. Ela veio com a casa – mais uma coisa que nos foi deixada em testamento, junto com a casa e a herança, cujos ativos permanecem no banco. Ela tem dezesseis anos, já é quase capaz de viver sozinha – um assunto que tentei discutir, pois com certeza ela deve ter uma amiga ou outro conhecido que poderia hospedá-la até os dezoito anos. Mas Will disse que não. Com Alice morta, nós éramos tudo que lhe restava, sua única família. Ela e eu estamos nos vendo agora pela primeira vez. *Ela precisa ficar com a família*, Will me disse há poucos dias, mas parece que foi há semanas. *Uma família que a amará e cuidará dela. Ela está sozinha, Sadie*. Meu instinto maternal surgiu, então, ao pensar nessa criança órfã sozinha no mundo, sem ninguém além de nós.

Eu não queria vir. Argumentei dizendo que ela deveria ir até nós. Mas havia muito mais coisas a levar em conta, por isso viemos, apesar de minhas reservas.

Fico imaginando agora, e não pela primeira vez nesta semana, qual será o efeito desastroso dessa mudança sobre nossa família. Não pode ser o recomeço que Will tão auspiciosamente acredita que seja.



SADIE

Sete semanas depois...

Em algum momento no meio da noite, acordamos com a sirene. Eu ouvi o barulho, vi as luzes cegantes que brilhavam na janela do quarto enquanto Will pegava os óculos na mesa de cabeceira e se sentava abruptamente na cama, colocando-os na ponta do nariz.

— O que é isso? — perguntou, prendendo a respiração, desorientado e confuso.

Eu disse que era uma sirene. Ficamos em silêncio por um minuto, ouvindo o lamento se afastar, diminuindo, mas não desaparecendo por completo. Ainda podíamos ouvi-lo, parado em algum lugar na rua de nossa casa.

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Will.

Eu só pensei no casal de idosos que mora em nosso quarteirão, no homem que empurra a cadeira de rodas de sua esposa para cima e para baixo pela rua, mesmo ele mal podendo andar. Ambos são grisalhos, enrugados, têm as costas curvadas como o corcunda de Notre Dame. Ele sempre me parece cansado, como se fosse ela quem devesse o estar empurrando. E o fato de nossa rua ser íngreme não ajuda; é um declive rumo ao oceano lá embaixo.

— Os Nilsson — Will e eu dissemos ao mesmo tempo.

E se houve falta de empatia em nossa voz, foi porque é isso que se espera das pessoas velhas. Elas se machucam, adoecem e morrem.

— Que horas são? — perguntei.

Mas, a essa altura, Will já havia devolvido os óculos à mesa de cabeceira e disse:

— Não sei.

Quando ele se aproximou de mim e passou um braço em volta de minha cintura, senti meu inconsciente afastar meu corpo do dele.

Adormecemos assim, esquecendo por completo a sirene que nos arrebatara de nossos sonhos.

De manhã, tomo banho e me visto, ainda cansada de uma noite agitada. Os meninos estão na cozinha, tomando o café da manhã. Ouço o movimento no andar de baixo quando saio inquieta do quarto, como uma estranha em casa por causa de Imogen. Porque ela tem uma maneira de fazer que nos sintamos indesejados, mesmo depois de tanto tempo.

Saio pelo corredor. A porta do quarto de Imogen está aberta. Ela está dentro, o que me parece estranho, porque a porta dela nunca fica aberta quando ela está lá. Ela não sabe que está aberta, que estou no corredor observando-a. Ela está de costas para mim, inclinada para o espelho, passando o delineador preto acima dos olhos.

Olho pela fenda e vejo o interior do quarto de Imogen. As paredes são escuras, adornadas com imagens de artistas e bandas que se parecem muito com ela, de longos cabelos pretos, olhos pretos, roupas pretas. Há uma coisa de gaze preta sobre sua cama, uma espécie de dossel. A cama está desarrumada, o edredom de matelassê cinza escuro caído no chão. As cortinas blackout estão fechadas, mantendo a luz do lado de fora. Eu penso em vampiros.

Imogen termina com o delineador. Fecha-o, volta-se bem rápido e me vê antes que eu tenha a chance de recuar.

— Porra, o que você quer? — pergunta.

A raiva e a vulgaridade de sua pergunta me deixam sem fôlego, mas não sei por quê. Não é a primeira vez que ela fala comigo desse jeito. Eu já deveria estar acostumada. Imogen corre tão depressa para a porta que, a princípio, acho que vai me bater — o que ela nunca fez, mas a velocidade do movimento e a expressão em seu rosto me fazem pensar que sim. Involuntariamente, dou um passo para trás, e ela bate a porta em minha cara. Sou grata por isso, por ela ter batido a porta, e não em mim. A porta para a dois centímetros de meu nariz. Meu coração bate forte dentro do peito. Estou no corredor, prendendo

a respiração. Pigarreio, tentando me recuperar do choque. Aproximo-me, bato com os nós dos dedos na madeira e digo:

— Estou indo para a balsa daqui a pouco. Se quiser uma carona...

Mas sei que ela não aceitará minha oferta. Há tumulto em minha voz, de um jeito que eu desprezo. Imogen não responde.

Dou meia-volta e sigo o cheiro do café da manhã que vem de baixo. Vejo Will ao fogão quando desço. Ele está ali, de avental, virando panquecas, enquanto canta uma dessas músicas animadas dos CDs que Tate gosta de ouvir; alguma alegre demais para as sete e quinze da manhã.

Ele para quando me vê.

— Tudo bem? — pergunta.

— Tudo — digo com voz tensa.

As cachorras circundam os pés de Will, na esperança de que ele deixe cair alguma coisa. São cachorras grandes, e a cozinha é pequena. Não há espaço suficiente para nós quatro, menos ainda para seis. Chamo as cachorras, e quando vêm, levo-as para brincar no quintal.

Will sorri para mim quando volto e me oferece um prato. Opto por café apenas, e digo a Otto para se apressar. Ele está sentado à mesa da cozinha, debruçado sobre as panquecas, com os ombros caídos para a frente para parecer pequeno. Sua falta de confiança me preocupa, mas digo a mim mesma que isso é normal aos catorze anos. Toda criança passa por isso, mas eu me pergunto se conseguem superar.

Imogen irrompe na cozinha. Seu jeans preto tem rasgos nas coxas e nos joelhos. Seus coturnos são de couro preto, com salto de quase cinco centímetros. Mesmo sem as botas, ela é mais alta que eu. Crânios de corvo pendem de suas orelhas. Sua camiseta diz: *Pessoas normais são um porre*. Tate, à mesa, tenta ler, assim como faz com todas as camisetas gráficas de Imogen. Ele lê bem, mas ela não fica parada tempo suficiente para ele ver direito. Imogen estende o braço para a maçaneta de um armário. Abre a porta, examinando o interior, antes de fechá-lo com força.

— O que você está procurando? — pergunta Will, sempre ansioso para agradar.

Mas Imogen encontra o que quer, uma barra de KitKat; rasga a embalagem com os dentes e morde o chocolate.

— Eu fiz café da manhã — diz Will.

Mas Imogen, passando seus olhos azuis por Otto e Tate sentados à mesa da cozinha e vendo o terceiro lugar vazio para ela, diz apenas:

— Legal.

Ela dá meia-volta e sai da cozinha. Ouvimos suas botas pisando no chão de madeira. Ouvimos a porta da frente se abrir e se fechar, e só quando ela sai volto a respirar.

Eu sirvo meu café, enchendo um copo para viagem. Faço um esforço para passar por Will para pegar minhas coisas: as chaves e uma bolsa, que estão na bancada, fora do meu alcance. Ele se inclina para me beijar antes de eu sair. Não é minha intenção, mas é instintivo; hesito, recuo do beijo dele.

— Você está bem? — ele pergunta de novo, olhando para mim com curiosidade.

Eu culpo um acesso de náusea por minha hesitação. Não é totalmente falso; passaram-se dez meses desde seu caso, e suas mãos ainda parecem uma lixa quando ele me toca, e não consigo deixar de me perguntar onde elas estiveram antes de encostarem em mim.

Um recomeço, disse ele, uma das muitas razões de nos transportarmos para esta casa no Maine, que pertencia à única irmã de Will, Alice, antes de ela morrer. Durante anos, Alice sofreu de fibromialgia, até que os sintomas a venceram e ela decidiu encerrar sua vida. A dor da fibromialgia é profunda, espalha-se por todo o corpo e em geral vem acompanhada de exaustão e fadiga incapacitantes. Pelo que ouvi e vi, a dor é intensa – às vezes como uma facada, às vezes latejante –, pior de manhã que mais tarde, mas nunca desaparece por completo. É uma doença silenciosa porque ninguém vê a dor. Mas é debilitante.

Só havia uma coisa que Alice poderia fazer para combater a dor e o cansaço: ir para o sótão da casa com uma corda e um banquinho. Mas não antes de se reunir com um advogado e de preparar um testamento, deixando sua casa e tudo dentro dela para Will. Deixando sua filha para Will.

Imogen, de dezesseis anos, passa os dias fazendo Deus sabe o quê. Presume-se que vai à escola, pelo menos em parte do tempo, porque só recebemos ligações por causa de faltas de vez em quando. Mas como ela passa o resto do dia eu não sei. Quando Will ou eu perguntamos, ela nos

ignora ou diz algo inteligente: que está lutando contra o crime, promovendo a paz mundial, salvando a porra das baleias. *Porra* é uma de suas palavras favoritas; ela a usa com frequência, além de *caralho*.

O suicídio pode fazer que sobreviventes como Imogen sintam raiva e ressentimento, que se sintam rejeitados, abandonados, furiosos. Eu sempre tento entender, mas está ficando difícil.

Quando eram menores, Will e Alice eram próximos, mas foram se afastando ao longo dos anos. Ele ficou abalado com a morte dela, mas não exatamente triste. Na verdade, acho que ele se sentiu mais culpado que qualquer outra coisa, achando que foi negligente, que não manteve contato, que não participava da vida de Imogen e que nunca entendeu a gravidade da doença de Alice. Ele acha que decepcionou as duas.

No começo, quando soubemos de nossa herança, sugeri a Will que vendêssemos a casa e levássemos Imogen para Chicago para morar conosco. Mas, depois do que aconteceu em Chicago – não só o caso, mas tudo, *tudo* –, seria nossa chance de recomeçar. Foi o que Will disse.

Estamos aqui há menos de dois meses, de modo que ainda estamos reconhecendo o terreno. Mas arranjamos emprego logo, Will e eu. Ele é professor adjunto, dá aulas de ecologia humana duas vezes por semana no continente.

Sendo eu uma das duas únicas médicas da ilha, eles praticamente me pagaram para vir para cá.

Pressiono meus lábios na boca de Will desta vez – minha passagem para ir.

— Vejo vocês à noite — digo.

E peço de novo a Otto que se apresse, ou vamos nos atrasar. Pego minhas coisas na bancada e digo que estarei no carro esperando.

— Dois minutos — digo, sabendo que ele vai esticá-los até cinco ou seis, como sempre.

Dou um beijo de despedida no pequeno Tate antes de sair. Ele se estica na cadeira, envolve meu pescoço com seus braços grudentos e grita em meu ouvido:

— Eu te amo, mamãe.

E em algum lugar dentro de mim, meu coração dispara, porque sei que pelo menos um deles ainda me ama.

Meu carro está na entrada, ao lado do sedã de Will. Embora tenhamos uma garagem anexa à casa, está cheia de caixas que ainda precisamos abrir.

O carro está frio, coberto por uma fina camada de gelo que se instalou nas janelas durante a noite. Abro a porta com meu chaveiro. Os faróis piscam; uma luz se acende dentro. Vou pegar a maçaneta da porta, mas, antes que eu possa puxá-la, avisto algo na janela que me impede. Há uns traços riscados na geadada do lado do motorista. Começaram a se desmanchar com o calor do sol da manhã, suavizando-se nas bordas. Mas, mesmo assim, estão ali. Eu me aproximo e vejo que as linhas são letras traçadas no gelo da janela, reunidas para formar uma única palavra: *Morra*. Levo a mão à boca. Não preciso pensar muito para saber quem deixou essa mensagem para que eu a encontrasse. Imogen não nos quer aqui. Ela quer que a gente vá embora.

Andei tentando entender, porque a situação deve ser horrível para ela. Sua vida virou de cabeça para baixo. Ela perdeu a mãe e agora tem que dividir sua casa com pessoas que não conhece. Mas isso não justifica me ameaçar. Porque Imogen não mede as palavras. Ela quer dizer exatamente o que disse. Ela quer que eu morra.

Subo os degraus da varanda e chamo Will pela porta da frente.

— Que foi? — pergunta ele, saindo da cozinha. — Esqueceu alguma coisa?

Ele inclina a cabeça para o lado e vê minhas chaves, minha bolsa, meu café. Não, não esqueci nada.

— Você tem que ver uma coisa — digo, sussurrando para que os meninos não ouçam.

Will sai descalço atrás de mim, mesmo com o concreto gelado. A um metro do carro, eu aponto para a palavra escrita no gelo da janela.

— Está vendo? — pergunto, voltando meus olhos para os de Will.

Ele vê. Eu sei por causa de sua expressão, que fica instantaneamente angustiada, refletindo a minha.

— Merda — diz, porque ele, assim como eu, sabe quem deixou isso ali. Ele esfrega a testa, pensando. — Vou falar com ela — diz ele.

— De que adianta? — pergunto, na defensiva.

Conversamos com Imogen várias vezes nas últimas semanas. Conversamos sobre a linguagem que ela usa, especialmente perto de Tate;

sobre a necessidade de um horário para voltar para casa e outras coisas. Se bem que *falar* seja um termo mais adequado que *conversar*, porque não foi uma conversa. Foi uma palestra. Ela fica parada enquanto Will ou eu falamos. Talvez ouça, mas raramente responde. Então, ignora tudo e sai.

Will diz em voz baixa:

— Não temos certeza de que foi ela que deixou isso aí — diz suavemente, sugerindo uma ideia que prefiro não levar em conta. — Não seria possível — pergunta Will — alguém ter deixado essa mensagem para Otto?

— Você acha que alguém deixou uma ameaça de morte na janela do meu carro para nosso filho de catorze anos? — digo, caso Will, de alguma maneira, tenha interpretado mal o significado da palavra *Morra*.

— É possível, não é?

Mesmo sabendo que é possível, digo:

— Não — falo com mais convicção do que sinto, porque não quero acreditar nisso. — Não — insisto. — Deixamos tudo isso para trás quando nos mudamos.

Mas deixamos mesmo? Não está totalmente fora do reino das possibilidades que alguém esteja sendo cruel com Otto. Que alguém o esteja intimidando. Isso já aconteceu antes e pode acontecer de novo.

— Talvez devêssemos chamar a polícia — digo.

Mas Will sacode a cabeça.

— Não enquanto não soubermos quem fez isso. Se for Imogen, seria realmente motivo para envolver a polícia? Ela é só uma garota com raiva, Sadie. Ela está sofrendo, por isso ataca. Ela nunca faria nada para machucar nenhum de nós.

— Será? — pergunto, com muito menos certeza que Will.

Imogen virou outro ponto de discórdia em nosso casamento. Ela e Will são parentes de sangue; há uma conexão entre eles que eu não tenho. Como Will não responde, continuo argumentando:

— Não importa quem seja o alvo, Will, isso é uma ameaça de *morte*. É uma coisa muito séria.

— Eu sei, eu sei — diz ele, olhando por cima do ombro para ter certeza de que Otto não saiu. — Mas se envolvermos a polícia, Sadie, isso chamará atenção para Otto. Uma atenção indesejada. As crianças olharão para ele

diferente, se é que já não o fazem. Ele não teria chance. Deixe-me ligar para a escola primeiro, falar com o professor, o diretor, para ter certeza de que Otto não está tendo problemas com ninguém. Eu sei que você está preocupada — diz, suavizando a voz e passando a mão, reconfortante, pelo meu braço. — Eu também estou. Mas podemos fazer isso primeiro, antes de chamar a polícia? E posso pelo menos ter uma conversa com Imogen antes de concluirmos que foi ela?

Will é assim. Sempre a voz da razão em nosso casamento.

— Tudo bem — digo, cedendo, admitindo que ele pode estar certo.

Odeio pensar em Otto sendo um pária em uma nova escola, sofrendo bullying desse jeito. Mas também não suporto pensar na animosidade de Imogen em relação a nós. Temos que descobrir quem fez isso sem piorar as coisas.

— Mas se acontecer de novo... se algo assim acontecer de novo, iremos à polícia.

— Tudo bem — Will concorda e me dá um beijo na testa. — Vamos resolver isso, antes que tenha a chance de ir longe demais.

— Promete? — pergunto, desejando que Will pudesse estalar os dedos e melhorar tudo.

— Prometo — diz ele.

Fico olhando enquanto ele volta para a escada e entra em casa, desaparecendo atrás da porta. Esfrego a mão nas letras e a limpo na calça antes de entrar no carro frio. Ligo o motor e aciono o degelo, observando enquanto ele retira os últimos vestígios da mensagem. Mas ela vai me acompanhar o dia todo.

Os minutos passam no painel do carro, dois e depois três. Eu olho para a porta da frente, esperando que se abra de novo, dessa vez para Otto aparecer, ele virá até o carro com uma expressão ilegível no rosto, que não dará a menor indicação do que se passa em sua cabeça. Porque essa é a única cara que ele faz hoje em dia. Dizem que os pais devem saber o que seus filhos estão pensando, mas não sabemos. Nem sempre. Nunca podemos saber de verdade o que outra pessoa está pensando.

Ainda assim, quando as crianças fazem escolhas erradas, os pais são os primeiros a ser culpados.

Como eles não sabiam?, perguntam os críticos. *Como ignoraram os sinais de alerta?*

Por que não prestaram atenção ao que seus filhos estavam fazendo? – esse é o meu favorito, porque implica que não estávamos prestando atenção.

Mas eu estava.

Antes, Otto era calado e introvertido. Ele gostava de desenhar, principalmente *cartoons*, com uma predileção por animes, esses personagens modernos com seus cabelos selvagens e seus olhos enormes. Ele dava nome às imagens de seu bloco de desenho, e tinha o sonho de um dia criar uma *graphic novel* baseada nas aventuras de Asa e Ken.

Antes, Otto tinha poucos amigos – exatamente dois –, mas na frente deles me chamava de *senhora*. Quando jantavam em casa, eles levavam os pratos para a pia da cozinha. Deixavam os sapatos na entrada. Os amigos de Otto eram gentis, educados.

Otto ia bem na escola. Ele não tirava A direto, mas sua média era boa o suficiente para ele, para Will e para mim. Suas notas ficavam entre B e C. Ele fazia as lições de casa e as entregava no prazo. Nunca dormia durante as aulas. Seus professores gostavam dele e só tinham uma reclamação: queriam que Otto participasse mais.

Eu não ignorei os sinais de alerta, porque não havia nenhum para ignorar.

Fico olhando para a casa, esperando Otto aparecer. Depois de quatro minutos, meus olhos abandonam a porta da frente. Nesse momento, pela janela do carro, algo chama minha atenção. É o sr. Nilsson empurrando a cadeira de rodas da sra. Nilsson na rua. A ladeira é íngreme; é preciso um grande esforço para segurar os cabos de borracha da cadeira de rodas. Ele anda devagar, apoiando-se mais nos calcanhares, como se fossem freios de um carro que ele desce acionando.

Ainda não são sete e vinte da manhã e os dois estão totalmente arrumados, ele de calça de sarja e suéter, ela com um conjunto de tricô todo rosa claro. O cabelo está enrolado, firmemente penteado e sustentado com spray, e penso nele enrolando escrupulosamente cada mecha de cabelo em volta de um bobe e prendendo com um grampo. Poppy é o nome dela, eu acho. O dele pode ser Charles. Ou George.

Bem em frente a nossa casa, sr. Nilsson vira na diagonal, indo para o lado oposto da rua.

Enquanto isso, ele mantém os olhos na traseira de meu carro, de onde a fumaça do escapamento sobe para as nuvens.

De repente, recorro o som da sirene da noite passada, seu uivo minigante quando passou por nossa casa e desapareceu em algum lugar.

Sinto uma dor cega se formar na boca do estômago, mas não sei por quê.

